

Para além das quatro linhas: a machocracia nos bastidores e nas arquibancadas do espetáculo brasileiro¹

Maíra Dutra de Oliveira²

Resumo: A masculinidade dita tradicional foi e ainda é um elemento imperativo na sociedade. Quando se diz respeito às representações do que é ser homem e dos ambientes nos quais o homem exerce sua política de poder, podemos facilmente localizar o esporte. O futebol, em específico, é forte produtor de circulação de ideias e de representações pré-estabelecidas de uma masculinidade violenta. Sendo esse esporte o mais popular do Brasil, é necessário enxergar como as relações de gênero ocorrem nos estádios como expansão de uma sociedade machocrática, haja vista o ranking de violência contra mulheres no mundo, no qual o país ocupa o 5º lugar, e o de violência contra a população LGBTQIA+, no qual o país ocupa o 1º lugar. Assim, o que se pretende é analisar a relação da machocracia e o seu exercício dentro do ambiente futebolístico, como ela se estabelece e, em contrapartida, como é contestada.

Palavras-chave: Futebol; Sexismo; Homofobia.

1. Introdução

O elemento central do esporte e de muitas outras modalidades de sociabilidade é o corpo. É somente a partir de seu uso que é possível localizar as interações interpessoais das mais variadas maneiras. Sendo ele um fator de enorme impacto social, é até de certa obviedade que é nutrido desde a infância de pedagogias corporais baseadas em hierarquias pré-estabelecidas pelo status quo.

Essas pedagogias – ou normas – condicionam os corpos e sujeitos a adestrarem comportamentos e desejos para aderirem à sua identidade alguns atributos de manutenção social.

A sexualidade e o gênero são os marcadores que mais se associam a essa pedagogia, uma vez que existe a domesticação concreta por parte de agentes fundamentalistas e estatais,

¹Trabalho apresentado no GT - LGBTQIAP+ no Futebol, 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol.

²Graduada em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/CPAQ e Mestranda em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul PPGCult/CPAQ. ORCID: 0000-0002-8620-6557.
e-mail: mairadutra.oliv@gmail.com

utilizando aparelhos ideológicos de grande alcance e propagação, como a igreja ou a família, para fins de padronizar corpos “estranhos” à norma.

Segundo Louro (2022, p. 12), “através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural (...)”. Essa definição é, por si só, parte do constructo que une o que é biológico com o que se espera socialmente de um corpo e do sujeito que o habita. É dessa maneira que os corpos “ganham sentido socialmente”.

O que significa, então, que essa perspectiva de controle corpóreo vai de encontro com as ambições patriarcais e heterocisnormativas, onde cada sujeito possui o seu campo de atuação na sociedade: o homem, viril, rígido e heterossexual, como propagador de uma masculinidade violenta para com seus semelhantes, como num jogo de força constante onde o que se disputa é um espaço privilegiado de virilidade, e ao mesmo tempo, de ódio à inferioridade entendida pela feminilidade e pelo que é feminino em si

Do outro lado, existe a mulher domesticada, a que é doce, submissa e “essencialmente feminina”, como se o seu corpo não tivesse sido ensinado ao longo da vida e tivesse alguma essência feminina que não tivesse sido projetada. Afinal, pensar na feminilidade, é também pensar em uma construção que além de determinar o que não se é, determina o que se é:

“Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.” (LOURO, 2022, p. 13)

Todos esses ideais de ensinamentos são necessários para que se compreenda a ideologia heterocisnormativa e patriarcal como fator dominante à grande parte dos elementos culturais e sociais, sejam eles favoráveis a essa manutenção do status quo ou questionadores da norma. O princípio de interesse é como operam esses modelos de constituições de identidades e suas pluralidades no seio social, uma vez que apesar do esforço de domesticação, há sempre contestações.

Sendo o aspecto cultural um grande aliado nas diversas maneiras de contestá-las, é interessante ultrapassar a discussão inicial, muito embora ela seja retomada diversas vezes ao longo dessa presente pesquisa, para introduzir também a questão cultural e como elas são interligadas.

Se considerarmos o que diz Williams (2015, p. 5), “usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns -; e para

designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo”. O que significa que o que é cultural é o que se apreende em todos os quesitos.

Podemos então dizer que a pedagogia dos corpos é algo cultural? E ao mesmo tempo, podemos então associar sua ultrapassagem ao aprendizado relacionado aos “processos especiais de descoberta e esforço criativo”?

E ainda: em quais aspectos culturais e que são comuns a todos, essas pedagogias são percebidas e estabelecidas quase sem questionamentos?

Quando pensamos em fatores que são apreendidos culturalmente, podemos facilmente associar essas pedagogias corporais a elas. O que significa, então, que elementos da cultura também podem ser propagadores dessas domesticações realizadas por elas e, ainda, legitimadores.

Um dos elementos da cultura mais populares do nosso país e que, não coincidentemente, tem como objeto principal o corpo e a condução deste, é o futebol. Todas as percepções do esporte, da arquibancada às quatro linhas, têm ligação direta com esse atributo. Seus atores e atletas são avaliados, entendidos e associados a partir do uso de seus corpos e como são educados, sejam nas arquibancadas ou nos gramados, de fato.

É claro, as condições são apartadas.

Dentro de campo, em tese, os atletas deveriam ser julgados e analisados através do nível técnico e envolvimento com a arte futebolística, posicionamentos, condicionamento físico, recuperações, disposição e garra. Fora dele, o que conta, quase como um atributo a mais – e talvez o mais importante dentre os outros - é justamente o quão masculino o sujeito pode ser para mover o time.

O que não significa, é claro, que as análises de masculinidades não se apliquem aos atletas. Caso não tenha um corpo adequado às normas ou que exiba um mínimo traço de uma dita feminilidade, o sujeito é questionado por torcedores – rivais ou não, fato interessante de se constatar – ou por adversários dentro de campo.

Isso porque, acionando aqui Bandeira e Seffner (2013, p. 247) “o estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades”.

O que vale salientar é que traços de uma dita feminilidade podem ser atribuídos a condições naturais do ser humano – como chorar após uma derrota – ou a recusa de participar

do jogo violento disposto pela masculinidade hegemônica – a recusa por entrar em uma briga após provocações de adversários.

A violência é um fator de encontro para homens no ambiente futebolístico e, nesse sentido, não se apartam os torcedores dos atletas (BANDEIRA; SEFFNER, 2013). Em um clássico regional, uma agressão física dentro das quatro linhas inflama mais as torcidas do que um gol aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo.

E, se esse é um fator de encontro, o que ocorre com as masculinidades não-hegemônicas dentro dos estádios?

Mais ainda, o que acontece com o que não é masculino?

Como dito, sendo o estádio um local de inflamação emocional e palco para um elemento cultural de grande popularidade no país, atribuído, inclusive como marcador identitário do sulamericano em geral, é natural que tenha em si suas próprias pedagogias, suas negações e suas permissividades.

Uma delas, é a legitimação da violência.

Violência para com os adversários dentro de campo, para com rivais fora dele e, dentro das arquibancadas, violência para com os que não se encaixam no padrão proposto pela masculinidade tradicional.

Existe ali, uma perspectiva de embaraço com o que se é diferente e uma padronização necessária para que compreenda quase uma “militarização” trajada de vestimentas esportivas, onde a meta é que se estabeleça o respeito através do medo causado por essa violência urbana tão amplamente divulgada, com baixas em todo o Brasil nos pós ou pré-jogos ou mesmo em datas aleatórias de encontros entre duas torcidas.

O prazer pela violência é constituidor dessa masculinidade hegemônica e o jogo de força e dominação é presenciado nas arquibancadas, sejam entre os mesmos sujeitos, sejam para com os que não deveriam habitar aquele espaço.

É claro que a violência não se constitui somente nas agressões, mas também na impossibilidade de presenciar o que ocorre nos campos de futebol ou de acompanhar o time do coração por medo de importunação. Isso se aplica aos casos de membros da população LGBTQIA+, que devem adequar suas vestimentas, trejeitos e afins, ou de mulheres, cujos corpos são fetichizados durante a estadia nos estádios.

O que se pretende, então, é entender como essa machocracia conhecida nos estádios de futebol é propagada, estabelecida e, ao mesmo tempo, quais são as estratégias para questioná-las pensadas pelos sujeitos oprimidos por ela.

2. “Pra machos e de machos”

Entende-se por identidade, algo que se é. É natural que o primeiro vislumbre ao pensar na palavra seja algo que já se sabe: ser brasileiro, ser negro, ser heterossexual, ser homem.

A afirmação, como bem articula Silva (2000), é a primeira aproximação mais fácil e que parece ser de uma positividade, ou seja, “uma característica independente, um fato autônomo” e ainda “nessa perspectiva, a identidade só tem a si própria como referência: ela é

autocontida e autossuficiente”. Ser o que se é, é o que faz com que alguns grupos se entendam como pertencentes a algo maior, a uma coletividade involuntária: os brasileiros, os negros, os homens. A afirmação é o que mantém a aderência.

Fato importante é que no âmbito esportivo, como nos demais, a afirmação só é válida em conjunto da negação: sou homem, portanto, não sou mulher. Sou corinthiano, portanto, não sou palmeirense. Sou heterossexual, portanto, não sou homossexual.

É da negação do outro que vive o esporte e a rivalidade presente nas arquibancadas, cânticos e nas partidas.

Como já mencionado anteriormente, a situação se estende no quesito das práticas corporais no ambiente futebolístico, ou seja, o que não é masculino e advindo dessa masculinidade hegemônica, que é violenta, invasiva e autoritária, é condenável.

As arquibancadas, os campos e os bastidores são palcos inquestionáveis dessa masculinidade, que como bem pontua Gomes (2019, p. 147) em concordância com o psiquiatra Luís Fernando Tófoli, é chamada de machocracia, ou seja, um “regime político em que seres humanos do gênero masculino dominam a cena política e transformam o machismo, a misoginia, a lgbtfobia e o repúdio às diferenças numa pauta política.”

O que se entende do jogo político e de habitação dos estádios de futebol, é que existe uma dominação de homens que partem dessa mesma perspectiva, no sentido de ditar quem pode ou não frequentar esse ambiente, como se de fato fossem detentores do espaço e donos do esporte.

O que, sabemos, não é bem verdade.

Em 1977, por exemplo, a experiência de uma torcida organizada do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, denominada Coligay, reuniu homens gays torcedores do clube e se manteve em atividade até os primeiros anos da década de 1980, acompanhando, inclusive, grandes momentos do futebol gremista, como a conquista do título gaúcho que rompeu com a hegemonia colorada em Porto Alegre no mesmo ano do surgimento da torcida, título de campeão brasileiro do ano de 1981, de campeão da América e do mundo em 1983.

Sendo o esporte algo que mais do que estabelece como norma a heterossexualidade, mas enfatiza como valor, a experiência da Coligay é algo que embate com as perspectivas machocráticas dos estádios de futebol, no sentido de entender a presença de corpos considerados abjetos como pertencentes ao ambiente, carregando as cores, os escudos, bandeiras e entoando cânticos, em suma, torcendo.

Uma vez extinta, a torcida retornou ao lugar de silenciamento e esquecimento, principalmente por parte da instituição e de seus torcedores, lugar esse, ocupado por todos os que não se estendem à hegemonia proposta.

A Coligay volta a ser mencionada e a retomar um espaço de memória e de debates na academia somente nos últimos tempos, com o avanço das discussões acerca do apagamento LGBTQIA+ em diversos setores da sociedade. (DOS ANJOS, 2018; BANDEIRA, 2017)

Isso demonstra o tabu existente na subversividade do ato de torcer, sendo o oposto do que se entende como identidade torcedora, ou ainda, um torcer que não depende de uma identidade, pois já faz parte de todo o constructo social do que é torcer: o torcer masculinizado.

É importante também frisar que o discurso machocrata no campo da política é tão disposto da “militarização” dos sujeitos e das características necessárias para “ser homem” e “ser mulher” quanto nas arquibancadas. É através dessa norma que são averiguados os corpos que merecem viver e os que merecem morrer, na mesma mão em que são averiguados os que merecem habitar o espaço e os que merecem ser violentados por ousarem estar (GOMES, 2019)

Em 27 de dezembro de 2021, um rapaz de 27 anos foi expulso de um evento da torcida organizada Galoucura, do Clube Atlético Mineiro, por questões relacionadas à sua vestimenta.

Matheus Rodrigues trajava um *body* e uma canga no dia do incidente e a ambientação contava com uma piscina de livre acesso, mas segundo ele para o portal de notícias G1, a expulsão se justificou com os dizeres de que o que ele vestia não era apropriado para o local.

Em entrevista ao portal citado, ele alegou ter sido expulso por usar *body* e ser gay, abrindo, então, um boletim de ocorrência. Nem a Galoucura e nem o clube disponibilizado para o evento se pronunciaram sobre o ocorrido.

É importante, então, salientar que o exercício dessa machocracia no ambiente do futebol extrapola também o estádio e seus arredores. Todo e qualquer local que seja utilizado e evidenciado em prol de um clube e que se estenda a corpos que não são adeptos da norma, padronizados e “militarizados” por torcedores, independentemente do nível de afeição ao clube e de disposição para vivenciar a experiência, está fadado a sofrer represálias.

De toda maneira, a institucionalização da prática da violência como parte intrínseca da identidade masculina não é exclusividade do ambiente do esporte, mas reflexo de uma sociedade que hierarquiza sujeitos com base no que é ser “homem de verdade” (BANDEIRA, 2009).

Essa marcação – o de não ser “homem de verdade” – é mutável e caminha junto com a perspectiva e aceitação de outros sujeitos do sexo masculino que operam da mesma maneira, podendo também, dependendo da ocasião, ser destituído dessa visão de ser.

A circunstância do choro e da emoção dentro dos estádios – atributos naturais que são facilmente associados ao descontrole ou à fraqueza, logo, ao que é feminino – como muito bem trabalha Araújo (2015, p. 158) ao dizer que existe “uma associação entre o choro dos jogadores e a ausência de virilidade e competência profissional, como se houvesse uma relação de causa e consequência entre aspectos de feminilidade nos atletas e o mau resultado nos campos”, por vezes é rechaçada e, em caso de celebrações de títulos, por exemplo, é legitimada.

O que se faz necessário dizer é que, assim como em todo o seio social, o que é considerado feminino, é sempre visto com pejo e desdém. Portanto, não seria diferente disso o reflexo das tensões sociais dentro dos estádios e como as diversas expressões de emoção – desde a raiva, que culmina na violência, até o choro, que causa estranheza em situações de derrota e atrai uma ideia ligada à feminilidade – são polidas e pensadas para masculinizar ainda mais o ambiente.

No entanto, os comportamentos espelhados também são questionados e colocados à prova, especialmente nos últimos tempos, com o avanço dos debates acerca das violências sofridas pela população LGBTQIA+ e por mulheres em todos os setores da sociedade.

Com o advento das redes sociais e a possibilidade de acompanhar todos os lugares do mundo em tempo real e também de propagar para um enorme número de pessoas acontecimentos do dia a dia, as denúncias dessas violências se tornaram também amplamente divulgadas.

Isso serviu para que diversos movimentos feministas e de membros da comunidade LGBTQIA+ se organizassem de forma virtual para adentrarem nos espaços majoritariamente habitados pelos sujeitos do sexo masculino sem que estivessem à mercê de acontecimentos marcados por essa hierarquização do espaço.

Os estádios de diversas partes do país recebem semanalmente em suas arquibancadas, organizações intituladas antifascistas ou ainda com dizeres feministas/LGBTQIA+ em seus nomes, habitando esses espaços em um modelo apropriado de contestação, como à exemplo da Coligação na década de 1970, amparados uns aos outros, avolumados.

A transgressão do padrão de torcedor nos dias atuais vem motivando inclusive dirigentes em ações conjuntas ao marketing de clubes mais vanguardistas a aderirem uma conscientização coletiva das possibilidades múltiplas de sujeitos dentro dos estádios.

Durante o mês do orgulho LGBT, diversos foram os clubes de grande alcance que realizaram postagens de conscientização e de celebração em suas redes sociais.

O Clube de Regatas Vasco da Gama foi tido como pioneiro no combate à homofobia ao publicarem um trabalhado documentário sobre as pluralidades torcedoras e lançarem uma camisa de jogo em prol do movimento LGBTQIA+ e a intenção do departamento de marketing do clube, segundo o site UOL, é a de que “as relações sejam tratadas com naturalidade e normalidade”.

O vice-presidente de Marketing do clube deu o aval e em declaração disse que o sucesso no número de vendas da nova camisa comprova o quanto o torcedor cruzmaltino aceita o caminho aderido pelo clube e a preocupação com a conscientização faz parte do DNA do Vasco.

No documentário, os torcedores e torcedoras convidados a relatarem suas vivências nos estádios de futebol e os desconfortos causados pela sexualidade ou pelo gênero diante da machocracia pré-estabelecida, garantiram que o apoio do clube de São Januário tem trazido a eles mais conforto e mais segurança ao frequentarem a arquibancada, uma vez que existe uma conscientização coletiva da torcida.

Muito embora ainda exista um longo caminho a ser percorrido no combate a machocracia – nos espaços específicos como os ambientes futebolísticos ou fora deles – a organização de sujeitos que não se encaixam nesses corpos pedagogicamente construídos para a violência, é algo que necessita ser expandido em solo brasileiro.

A perspectiva confortável de que o habitat do homem cishetero é a arquibancada de futebol não será colocada à prova por outros homens cisheteros. A existência da população LGBTQIA+ e de mulheres precisa ser verificada nesses espaços para que se compreenda uma torcida múltipla, fragmentada e plural.

A organização de torcedores, em conjunto com conscientização de dirigentes para com suas torcidas e políticas públicas de garantia de suporte nesses espaços é o passo inicial para uma mudança que certamente não virá de uma outra para outra.

E é certo que, as masculinidades hegemônicas e machocratas também não são sujeitos dispostos a ceder. Haja vista a legitimidade garantida a sujeitos que demonstram rigidez e virilidade através da violência em posições de poder em nosso país e as impunidades que cometem em prol de uma normatização, o que se percebe é que existe ali um pavor de que se tornem uma espécie em extinção (GOMES, 2019) e, por isso, cada vez mais devem exibir a masculinidade tóxica como dominante nos espaços em que frequentam.

Sendo a instituição do futebol o lugar onde se sentem livres e amparados uns nos outros para exercer esse aspecto da constituição de suas identidades, torcedores de diversas faixas etárias e que compactuam com o pressuposto da homogeneidade entendem as arquibancadas dos estádios como palco para exhibições do que foi pedagogicamente atribuído aos seus corpos ao longo da vida.

3. Futebol moderno ou diversidade no futebol?

O que se percebe, então, é que apesar de ser espaço de movimentação majoritariamente machocrata, os estádios também são palco de contestações ferrenhas por parte de apaixonados pelo esporte que se sentem intimidados pelas atuações violentas presentes fora das quatro linhas.

Se, para o espetáculo dentro dos gramados, um empurrão de um atleta no adversário é capaz de inflamar a partida, a presença indefesa de um sujeito que não se estenda ao corpo homogêneo previsto nas arquibancadas é capaz de atizar a violência já tão celebrada por grande parte dos torcedores do sexo masculino.

A organização e mobilização da população LGBTQIA+ e de mulheres pelo direito de frequentarem e habitarem lugares que, inicialmente, se entendiam como inacessíveis antecipa uma aderência a esse espaço do esporte.

Se para muitos a presença desses corpos nos estádios, participando das multidões nas arquibancadas, é um aspecto relacionado ao futebol moderno, então significa que é desse futebol que precisamos.

Importante, porém, lembrar que o termo “futebol moderno” está associado ao caráter mercantilista, midiático e cerceador que conhecemos hoje e em nada tem a ver com a ideia de um futebol plural e com identidades diversas como partícipes do ato de torcer. No entanto, o que percebemos é que existe uma recusa por parte de muitos ao visualizar essa perspectiva de futuro.

Essa recusa está associada, também, ao entendimento de que uma parcela dos torcedores entende essas reivindicações como necessárias, como verificado através da venda de camisetas em prol das lutas LGBTQIA+ de um clube tão tradicional como o Vasco da Gama, em detrimento de uma parte radical de torcedores – composta majoritariamente por machocratas – que não toleram a perda desse local de poder. Subentende-se, então, a disputa marcada pela resistência vs Poder.

O futebol, sempre local de disputas, sejam elas ideológicas ou unicamente para fins de entretenimento, concebe ainda hoje uma problemática que certamente se estenderá por um longo caminho até a aderência completa de uma diversidade torcedora.

O importante, nesse momento, é que é possível localizar pequenos passos para tornar o futebol um esporte para todos e de todos, como foi do intuito desse presente trabalho articular. Os avanços relacionados à dirigentes, torcedores e torcidas organizadas em prol da criação de um ambiente à parte das hostilidades já conhecidas, sinalizam uma importante modificação no que se refere ao projeto de novas arquibancadas, em aceno com os avanços das pautas progressistas no seio social.

Nos resta, portanto, seguir questionando as masculinidades hegemônicas e os espaços que costumam dar aos espectadores e atores do esporte mais popular do mundo a legitimidade para uso da violência e a liberdade para excluir.

Referências Bibliográficas

ANJOS, Luiza Aguiar dos. De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay. 2018. 388f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano)

ARAÚJO, Júlia S. “Engole o choro e vai pra cima”: Masculinidade e repercussão midiática da atuação brasileira na Copa do Mundo da Fifa de 2014. Estudos em Jornalismo e Mídia. 2015

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Memórias da Coligay e o currículo de masculinidades dos torcedores de futebol. Revista Diversidade e Educação, v. 7, p. 312-328, 2019

_____. Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. 2017. 342f. Tese (Doutorado em Educação)

_____. “Eu Canto Bebo e Brigo...Alegria do meu Coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. – Porto Alegre, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

BRAZ, Bruno. Camisa em prol do LGBTQIA+ é sucesso de vendas no Vasco: “Faz parte do DNA”. UOL, Rio de Janeiro, 08 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/07/08/camisa-em-prol-do-lgbtqia-e-sucesso-de-vendas-no-vasco-faz-parte-do-dna.html>> Acesso em: 09 jul. 2022

GOMES, Aguinaldo Rodrigues. Machocracia, negacionismo histórico e violência no Brasil contemporâneo. Revista Ñanduty, v. 7, n. 10, p. 146-158, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PIMENTEL, Thais; POLITI, Laís. ‘Fui expulso por ser gay’, diz homem que denuncia homofobia em festa da Galoucura. G1 Minas, Belo Horizonte, 27 dez. 2021. Disponível em: > https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/27/fui-expulso-por-ser-gay-dizhomem-que-denuncia-homofobia-em-festa-dagaloucura.ghtml?fbclid=IwAR2yf5igX5Z0BD_q29GKS2jU3mff2jOi2VGsJyPWxJkMbp8fDz aH5Y2MQKc < Acesso em: 19 jun. 2022

WILLIAMS, Raymond. Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2015.